



Anna Carolina Mendes Queiroz

## **Corpo; Mundo.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao colegiado de Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção de Título de Bacharel em Artes Visuais.  
Habilitação: Pintura

Orientação: Rodrigo Borges Coelho.

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes/UFMG  
2018

## Agradecimentos

(que falam desse trabalho, desse ciclo de cinco anos que culminou nele e abrem as portas)

Agradeço a Deus e ao Mundo,

A tudo aquilo e todos aqueles que me acompanham, conduzem, iluminam.

Agradeço ao rio que flui, com suas pedras, plantas, pessoas, animais.

Agradeço aos mestres todos,

Que me ensinam sobre a vida e as imagens.

Aos professores da Escola de Belas Artes.

Ao Rodrigo Borges por me acolher e clarear nesse trabalho,

À Dani por toda generosidade em ouvir e nos ligar às paisagens do mundo das imagens,

À Maria do Céu por logo no início me ensinar que ao falar de imagens devemos procurar falar a língua delas.

Às amigas e amigos feitos por laços de amor e imagem, que tanto me ensinam,

Com o lugar mais que especial da Letícia e Maira.

À minha família que me sustenta nesse mundo com seu amor.

Às mulheres.

Artistas.

E obrigada à UFMG e aos que a mantêm pelos anos de aprendizagem.

*Ô Pai Nosso faz-me entrar no Céu  
Ave Maria faz-me entrar na Terra*

Eis aqui a pedra.

Algo sólido que carrega dentro de si a leveza do pensamento, da imagem, de criar a si mesma.

Leveza de vôo. O vôo nunca é linear (a não ser talvez quando o pássaro tem a certeza instintiva de um destino longo e vital), se poussa de um lado, bica do outro, coleta, reúne.

Me pareceu mais verdadeiro com o meu tempo de ainda coleta do mundo a forma que este trabalho se apresenta. Um texto que é paisagem, um recorte do infinito que contém dentro de si partes que estão reunidas só pelo recorte de quem vê. Um texto-imagem, reúne as partes sem que elas virem uma terceira coisa em detrimento de si, mas que se mantenham inteiras e juntas sejam uma outra realidade, realidade que não descreve nada, mas é algo.

Micro diário do microcosmo que sou. Estou.

São imagens de diversas naturezas que juntas, pela relação criada com o microcosmo de quem a vê, criam um cosmo, imagem-mundo. Esse é o Atlas, aquele que em si carrega o mundo.

Coleta ainda. O mundo que mostro é um mundo do até agora. Reuni imagens que foram importantes para mim ao longo do percurso do curso de formação em artes visuais. Meu primeiro passo consciente no mundo das imagens e como fui buscando compreendê-lo e relacioná-lo a mim. E logo, à paisagem que me rodeia. Cada imagem é em si, mas todas fazem parte de uma mesma paisagem: o mundo que vivemos, suas coisas, sua materialidade e como ela se torna imagem. Algo que materialmente diz, evoca, gera o infinito, o indizível, o imaterial, o não-ser no ser.

Imagens formadoras de pensamento. Imagens em fecundação, passíveis de gerar imagens e pensamentos que sejam processo de criação: germinadoras de outras imagens.

Coletei citações, poemas, palavras de outras pessoas, que fo-

ram ressonadoras de imagens em mim, que estão destacadas em itálico (ou diretamente xerocadas). As devidas referências virão ao fim.

Imagens de uns, falando com imagens de outros.

E imagens minhas, de cadernos, desenhos, palavras, fotografias (as do Reinado na cidade de Oliveira), esculturas, pinturas e uma gravura. Imagens do período passado nessa escola.





viver o Mundo dentro de si

A existência da natureza se dá na unidade de um todo, não possui limites, pertence ao Uno do universo e ele a ela.

A paisagem é criada quando alguém se liga a uma parte da natureza, de alguma maneira a separa e a significa dentro de si. Nasce dessa ligação de um indivíduo ou povo com (algo d) o mundo.

Um recorte do ilimitado encontra um sentido em si, cria um centro peculiar de significado e se religa ao todo, em fluxo contínuo.

Trazer o visto, sentido, tateado para dentro.

Guardar





**Como em cima, assim em baixo; como embaixo, assim em cima.**

Lei hermenêutica da correspondência. O princípio da correspondência diz-nos que o que é verdadeiro no macrocosmo, também o é no microcosmo e vice-versa. Portanto, podemos ampliar o conhecimento e a sabedoria do conhecido ao desconhecido. Aprender as grandes verdades do Cosmo, as grandes verdades divinas, observando como elas se manifestam em nossas vidas. Do mesmo modo como podemos aprender sobre nós observando os movimentos cósmicos em qualquer nível. Observando o mundo a nossa volta, as paisagens.

*To see a world in a grain of sand  
And a heaven in a wild flower.  
Hold infinity in the palm of your hand,  
And eternity in an hour.*

O mundo  
de Deus  
é grande,



cabem numa mão fechada.

Os alquimistas sabiam que habitando um corpo em um mundo preenchido por matéria palpável e visível, nos é dado como instrumento de conhecimento do divino o mundo em que existimos. Podemos ver e manipular a substância divina, pois ela tudo habita e tudo movimenta.

A tarefa deles era purificar a matéria densa em sutil e, no sentido inverso, trazer o sutil para o palpável.

Espiritualizar o que é material e materializar o espiritual.

Dentro do vaso alquímico, criação do macrocosmo em um microcosmo, vemos o espiritual na matéria. A matéria que é sensível aos sentidos, bruta, grosseira, acessível, é sutilizada, tornada tão leve, volátil, espiritual, que consegue voltar ao Criador.

O vaso, o microcosmo, é o ser humano. Recria o mundo dentro de si e através da significação sensível, que não interpreta signos mas procura a sabedoria essencial das coisas, sutaliza a matéria devolvendo ao Criador.

É um conhecer para si que se expande à eternidade.  
Quando a abertura para a coisa é verdadeira.







Percorrer todos os cantos do finito para se pisar no infinito.

coletar

coleta do finito

coletar, acomodar, relacionar,  
coleção

Altar.

**altar**

coisas sólidas,  
matéria profana.  
Separada. Coletada.  
Feita. Trabalhada.  
para elevar ao sagrado,  
ao alto.

**templo.** paisagem interior, separada do Todo para que a pessoa se una a Ele através dela.

Lugar aberto com o entorno delimitado por pedras, ou fechado por parede de pedras e coberto por uma torre ou cúpula, uma torre alta feita de pedras e com um sino de ferro no topo, paredes azuis ou cobertas de tecido rendado, paredes brancas, colunas, tenda, gruta, quarto, dentro de si.

coleta



pegar o mundo  
para si



*Guardar uma coisa é olhá-la,  
fitá-la, mirá-la por admirá-la,  
isto é, iluminá-la ou ser por ela  
iluminado.*

*Guardar uma coisa é vigiá-la,  
isto é, fazer vigília por ela, isto  
é, velar por ela, isto é, estar  
acordado por ela, isto é, estar  
por ela ou ser por ela.*



Separar uma coisa da natureza, do todo, tornando-a única. Digna de sacramento. Em altar. Relíquia.

É um processo que transforma pela intenção, mas mais do que isso, reconhece.

Tornar sagrado é na verdade um reconhecimento do sagrado, reconhecer o pertencimento ao divino.

Pertencimento a um todo que nos torna semelhantes, partes fraternas da unidade da existência.

Coletar uma pedra, uma planta, a água de um lugar e guardar consigo, colocar em altar. Coletar uma imagem, uma memória, um acontecimento, um objeto, a lasca de uma janela ou parede. E guardar.

Há dicionários arquetípicos do mundo que o organizam em semelhanças e ligam as coisas às divindades.

Xangô carrega uma pedra em seu peito. Nossa Senhora do Rosário se aproxima pelas conchas e água salgada.

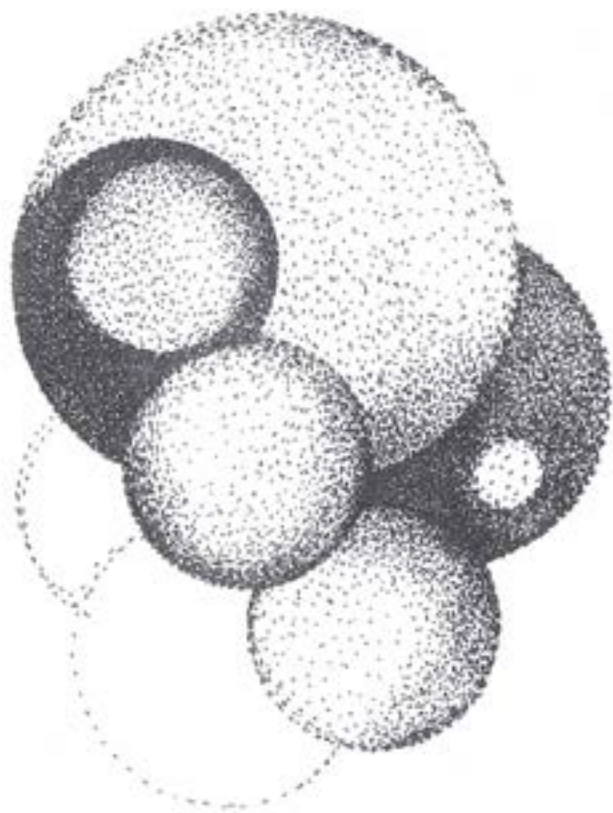
Antigamente se coletava o mundo em gabinetes e álbuns de gravuras, pela diferença e exotismo das espécies. A diversidade da criação.

Em uma mesma árvore, cada folha é única.

Ligar o externo ao interno  
o interno ao externo.

## CENA DA TERRA X

Sonhe a Terra.  
Sonhe você.  
Sonhe a eternidade.



Aprender a olhar para ver o inefável, o invisível no visível.  
Corpo que vive sendo solidez e calor, pedra e pluma.

*Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Pai, me ensina a olhar!*



A paisagem é relação do corpo com o espaço, transformando a sensação em apreensão do externo, significando-o ao espírito.



*talvez agora se perceba melhor todo o alcance dessa pequena palavra: ver. A visão não é um certo modo de pensamento ou presença a si: é o meio que me é dado de estar ausente de mim mesmo, de assistir por dentro a fissão do ser, ao término da qual somente me fecho sobre mim. o olho realiza o prodígio de abrir à alma o que não é alma.*

*Realiza (no sentido de trazer à percepção) um segredo de preexistência*

Paisagem é ocupação de um espaço, preenchimento.  
Coisas, traços, linhas, plantas, contidas e dispersas em um lugar. Paisagem. Papel.  
Há o momento da escolha do olhar e a escolha do quê do visto guarda pra si. Desenha.  
recorte organizado  
seleção caótica  
memória  
um instante escolhido para ecoar em outro  
conter nas mãos  
espalhar no espaço  
colher resíduos do mundo. Amostragem  
colocar a pessoa no externo  
o humano, linha, pensamento, no mundo.

Religar à origem: recriar o mundo dentro de si.

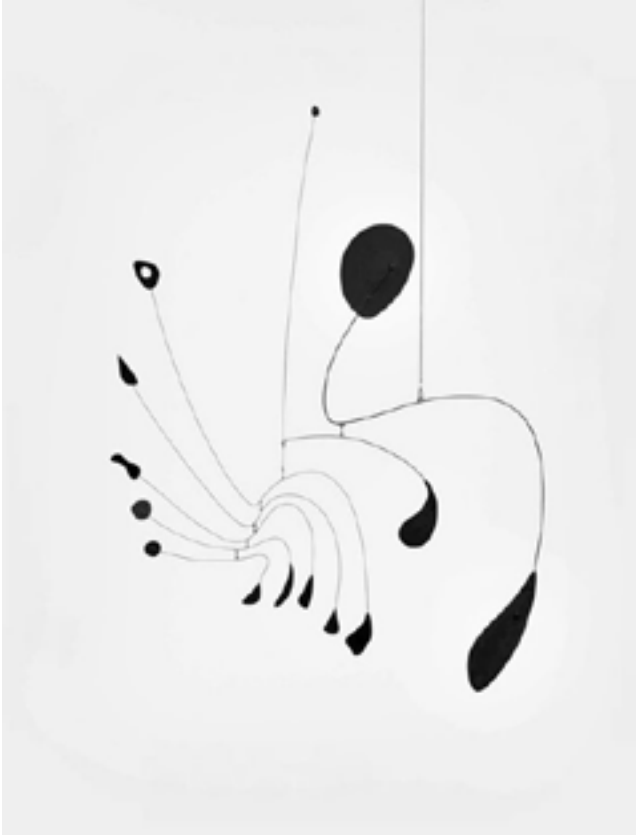


Pequenos montes espalhados pelo capim.

Condensados de terra que se sobressaem no verde. Coagulação exposta.









Os cupinzeiros espalhados na paisagem  
abandonados ou vivos. Desenhei-os por dias.  
Me falaram da paisagem,  
dessas coisas espalhadas que compõe um espaço  
da vista que se planifica ocupando o papel.  
No último dia, apressada no carro pelo atraso da partida, vejo uma paisagem  
queimada.  
O negro cobre o solo e se espalha. As cinzas,  
os troncos secos e os amontoados de terra compacta que expõem o avermelhado do  
seu interior.

Quis pintar a paisagem com matéria de memória semelhante. A queima, o carvão, as cinzas.  
O negro que cobre a superfície.  
A parte que repete o todo. Pedacinhos de carvão, pedacinhos de negro entre condensados negros de  
carvão amontoados.

Repetição.

A pedra: o mais ligado à terra. Sólido. O sal que sobra quando  
todo o leve evapora, queima, expira.  
Toda a memória do mundo está nela.  
O natural, os ventos, as águas, esculturas, construções.







Corporificamos o movimento da existência, comum a todas as coisas.

*O enigma consiste em meu corpo ser ao mesmo tempo vidente e visível. [...] Ele se vê vidente, se toca tocante, é visível e sensível para si mesmo.*



*Mas, dado que vê e se move, ele mantém as coisas em círculo a seu redor, elas são um anexo ou um prolongamento dele mesmo, estão incrustadas em sua carne, fazem parte de sua definição plena, e o mundo é feito do estofa mesmo do corpo.*

*Já que as coisas e meu corpo são feitos do mesmo estofa, cumpre que sua visão se produza de alguma maneira nelas, ou ainda que a visibilidade manifesta delas se acompanhe nele de uma visibilidade secreta: "a natureza está no interior", diz Cézanne.*

*Um corpo humano está aí quando, entre vidente e visível, entre tocante e tocado, entre um olho e outro, entre a mão e a mão se produz uma espécie de recruzamento, quando se acende a fásca do senciente-sensível.*

*o Toque*

Formadora das coisas  
Se deixa moldar pelo desejo criador da vida  
ou de uma pessoa  
a matéria se condiciona ao criador impondo  
discreta  
a condição da existência ou não existência  
das coisas,  
depende dela.

Mineral que tudo compõe  
Silenciosa.

A forma bruta suscita



Linha, luz e cor pedem à superfície a materialização do existir. Assim que se fazem mundo, são volume. O desenho é volume volátil, a linha quer se manter movimento e perder o corpo. Mas sendo mundo, é matéria. Corpo, peso, densidade.

As matérias liberam as formas de acordo com as suas próprias leis. Modificam e são profundamente modificadas pela criação.

Forma encarnada. A forma sofre transformação da matéria e a matéria continua a se transformar após a elaboração da forma.

A luz precisa da matéria para se mostrar, depende da matéria que a recebe. É absorvida ou refletida, por superfícies lisas, rugosas, ásperas.

A matéria depende da luz que a modela, evidencia, realiza.

Luz de dentro e de fora.

Luz que entra  
Luz que expande

Minhas mãos encontram matéria sólida, um pouco  
fria, negra.

O sol aquece o meu corpo frio assim como o seu.  
A luz mostra uma reflexividade um pouco metálica  
do exterior, dentro é negro.

A superfície é de pedra. Irregular, o grafite parece  
formá-la.

Pequenas partes de massa foram retiradas e duas  
grandes fendas fazem o olhar atravessar.

Tem um fio, minha mão segura por trás.

Desenhar algo feito em volume, como o mundo.

Faz parte dos corpos esse corpo saído de mim.

A linha transita construindo a solidez.

E a pedra dentro. E sem ela?

O que forma o espaço interno?

A pedra, concentração sólida e branca ou a  
escuridão vazia.

O fio leve, vazio e parado.

O fio tenso e oscilante com o peso da pedra.

O que está dentro anima o que está fora.

Matéria fria absorve e concentra o calor.

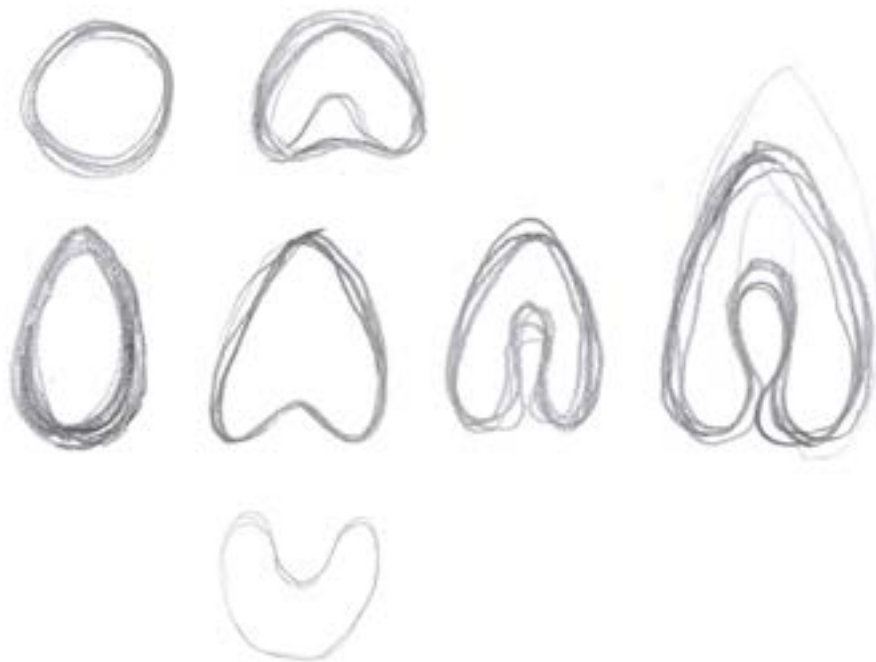


A formação dos volumes acontece por duas forças, uma vinda de dentro e outra de fora.  
O equilíbrio dessas forças é a esfera.

Força interior e força exterior. Gera as coisas, gera o dentro de si envolvido pelo mundo.

Força de fora para dentro: o toque, a criação, o côncavo. O buraco. Procura o si da coisa, acolhe o mundo em si.

De dentro para fora: a matéria ativa. Transbordamento, montanha, movimento interno em relação com o fora. Procura o outro, o si com o mundo. Procura o mundo a partir de si.



gna espaço interno  
na procura (extensão)  
em direção  
do externo.



recebe  
doa



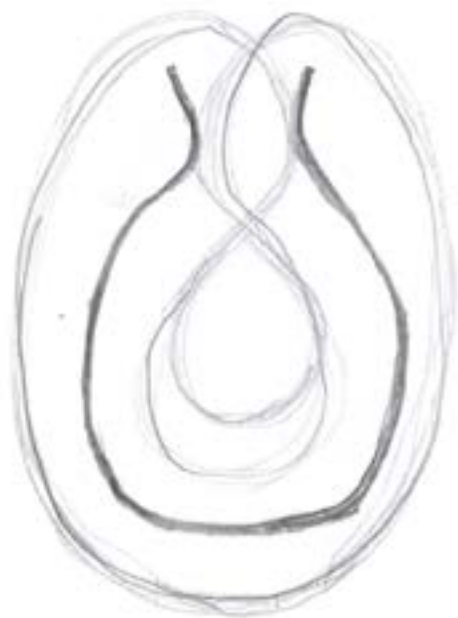
acolhe  
guarda  
expande em si



circulação  
interior  
exterior



mundo  
copo



cosmo  
microcosmo

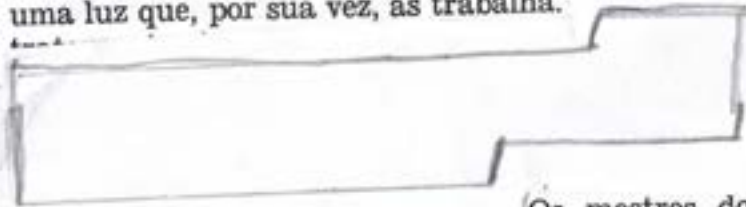
céu  
terra



universe eu



As coisas sem superfície, escondidas atrás das cascas, enterradas na montanha, bloqueadas na pepita, envolvidas pela lama, separaram-se do caos, adquiriram uma epiderme, aderiram ao espaço e adquiriram uma luz que, por sua vez, as trabalha.



Os mestres do Extremo-Oriente, para quem o espaço é essencialmente o lugar de transformações e de migrações e que sempre consideraram a matéria como a encruzilhada de um grande número de caminhos, preferiram, entre todas as matérias da natureza, aquelas que são, se podemos dizer assim, as mais *intencionais* e que parecem elaboradas por uma arte obscura; e, por outro lado, muitas vezes se dedicaram, ao tratarem as matérias da arte, a lhes imprimir características da natureza, a ponto de fazer uma passar pela outra, se bem que, paradoxalmente, para eles a natureza esteja cheia de objetos artísticos e a arte cheia de curiosidades naturais. Assim, as pedrinhas dos seus preciosos jardins, recolhidas com todo o cuidado, parecem trabalhadas pelo capricho das mãos mais hábeis, e a sua cerâmica de grés parece menos obra de um clero do que uma maravilhosa condensação elaborada pelo fogo e pelos acasos

subterrâneos. [...] Água e fumaça fixadas em superfície sem que elas deixem de ser fluidas, imponderáveis e móveis.

ÁGUA AR FOGO CINZAS FUMAÇA  
MÃO TERRA MADEIRA FULIGEM  
BARRO.

VASO RECIPIENTE  
RECEBE EM SI A FORMA DADA  
PELA MÃO

E CRIA JUNTO COM O FOGO.

FUMAÇA LABARETAS CINZAS VAPOR  
SE FIXAM NA SUPERFÍCIE  
SEM PERDER A PRÓPRIA  
CONSTITUIÇÃO.

SE ASSENTAM NA FORMA.

FORMA E MATÉRIA  
RESPIRAM COM A MESMA  
INTENSIDADE.

*O toque é permanência: constitui a forma na matéria  
é momento: desperta a forma na matéria  
é estrutura. Ele superpõe à estrutura do ser ou do objeto a sua própria estrutura, a sua  
forma. peso densidade, movimento.*

O toque é a superfície de contato. ponto de encontro. Momento da transformação.  
Choque de dois movimentos.

O toque da luz com a superfície. Da criação com as coisas. Da mão com a matéria.

Dois movimentos

Aquele que do exterior ao interior procura a forma no interior e o outro que partindo  
da estrutura interna leva a forma externa à plenitude.



A presença. Corpo a corpo. Corpo de si com corpo-matéria. Age, gera, transforma.  
O cheiro impregna. O corpo é preenchido pela outra presença. Toque.

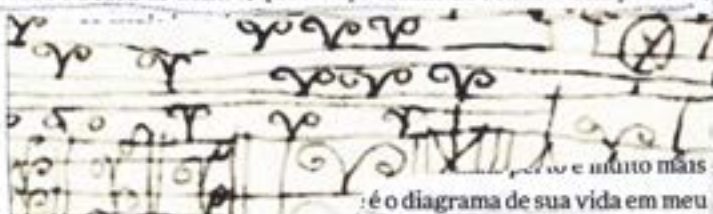
A materialidade nos fala do mundo, são símbolos que o constituem.

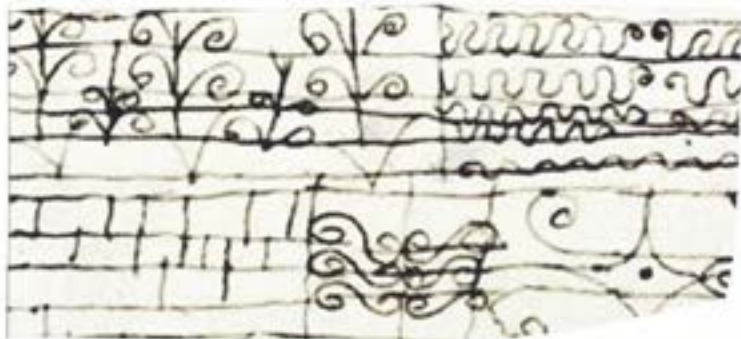
*Aprender das substâncias as propriedades que elas encerram. E, por conseguinte, as nossas.*

corpo sólido: pedra, arca, madeira, raiz, barro, areia, ferro, carvão, cinza, fuligem, cimento

O desenho e o quadro não pertencem  
mais do que a imagem ao em si.

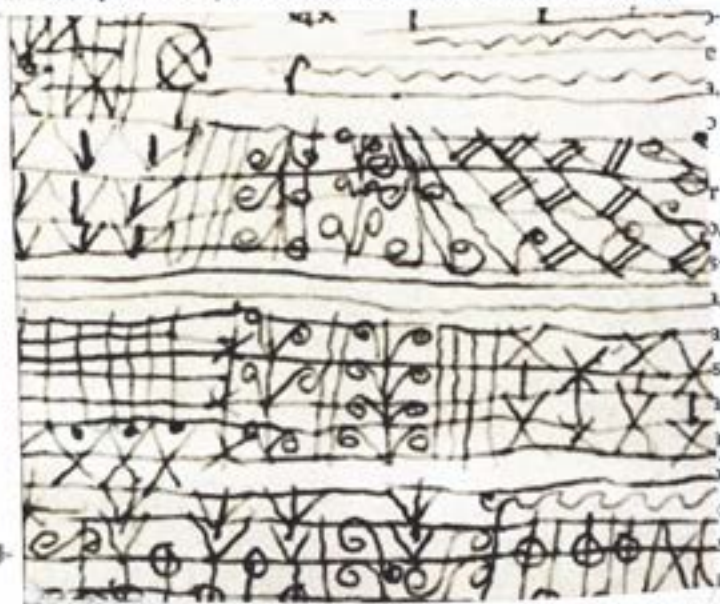
...mais que ela ao em si. Eles são o dentro do  
fora e o fora do dentro, que a duplicidade do sentir torna possível,

 e muito mais  
é o diagrama de sua vida em meu  
corpo, sua polpa ou seu avesso carnal pela primeira vez expostos  
aos olhares, e nesse sentido, como o diz energicamente Giacometti,<sup>2</sup>  
"o que me interessa em todas as pinturas é a semelhança, isto é, o  
que para mim é a semelhança: o que me faz descobrir um pouco o  
mundo exterior". Muito mais longe, porque o quadro só é um aná-  
logo segundo o corpo, porque ele não oferece ao espírito uma oca-  
são de repensar as relações constitutivas das coisas, mas sim ao  
olhar, para que as espose, os traços da visão do dentro, à visão o que  
a forra interiormente, a textura imaginária do real.



na esteira de Klee. Numa floresta, várias vezes senti que não era  
eu que olhava a floresta. Certos dias, senti que eram as árvores  
que me olhavam, que me falavam [...] Eu estava ali, escutando [...] Penso que o pintor deve ser traspassado pelo universo e não querer  
traspassá-lo [...] Espero estar interiormente submerso, sepultado.  
Pinto talvez para surgir. O que chamam inspiração deveria ser  
tomado ao pé da letra: há realmente inspiração e expiração do ser,  
respiração no ser, ação e paixão tão pouco discerníveis que não se  
sabe mais quem vê e quem é visto, quem pinta e quem é pintado.

\*  
RECEPTAÇÃO  
+ ...  
+ ...







As pedras se amontoam  
brancas na várzea, escuras  
em praias de mar profundo  
cobertas de areia.

Um homem caminha procurando  
pedras

Ainda sempre com ele uma cadela  
olha para o homem  
cheira as pedras  
ela  
sabe o amor irrestrito  
Segue

ele procura  
coleta  
separa  
escolhe  
refina

O corpo do mundo é pedra  
seus ossos  
elas sabem do tempo  
sólidas preenchem o espaço  
esperam  
dividimos com elas o corpo  
eternas enquanto  
terra  
sal  
cinzas  
ovo

*eu sempre sonho que alguma coisa gera  
nunca nada está morto  
o que não parece vivo, aduba  
o que parece estático, espera*

Corpo físico é a parte do ser humano que obedece às leis físicas do mundo. Obedece as leis minerais. Está preenchido de matéria mineral e é esta que o torna visível, mas se submete a todas as leis físicas. É um conjunto de forças que mantém a matéria organizada.  
O cadáver é a expressão do corpo mineral sem a estrutura que o vivifica.

A forma determina a matéria  
a matéria precisa da forma para existir.  
O corpo físico é forma

A matéria é o mineral.

Fogo se condensa em ar, o ar se condensa na água e se condensando ao máximo existe a pedra.

Calor, gás, fluidez e corpo sólido.

O Calor é a criação.

Pedra

Contenção do cosmo em matéria.  
Solidez de corpo.

Peso, densidade, afunda na água.



# Conversa com a pedra

Wisława Szymborska

Bato à porta da pedra.

— Sou eu, me deixa entrar.

Quero penetrar no teu interior

~~o~~ Olhar em volta,

te aspirar como o ar.

— Vai embora — diz a pedra. —

Sou hermeticamente fechada.

Mesmo partida em pedações

seremos hermeticamente fechadas.

Mesmo reduzidas a pó

não deixaremos ninguém entrar.

Bato à porta da pedra.

— Sou eu, me deixa entrar,

venho por curiosidade pura.

Avida é minha ocasião única,

pretexto para entrar no teu palácio

e depois visitar ainda a folha e

a gota d'água

pouco tempo tenho para isso tudo.

Minha mortalidade chega-te

comover.

— Sou de pedra — diz a pedra —

e ferozmente dou morte a  
senectade

Vai embora.

Não tenho os músculos do riso.

Bato à porta da pedra.

— Sou eu, me deixa entrar.

Soube que em ti guardas grandes

salas vazias,

nunca vistas, inutilmente belas,

surdas, sem ecos de quaisquer passos.

Admite que mesmo tu sabes

pouco disso.

— Salas grandes e vazias — diz a

mas nelas não há lugar.

Belas, talvez, mas para além do gosto

dos teus pobres sentidos,

Podes me reconhecer, nunca me

conhecer.

Com toda a minha superfície

me volto para ti

Mas com todo o meu

interior

permaneço de costas.

Bato à porta da pedra.

— Sou eu, me deixa entrar.

Não busco em ti refúgio eterno.

Não sou infeliz.

Não sou uma sem-teto.

O meu mundo mereu rebornar.

Entre esboço de mãos vazias,

E para provar que de fato

estive presente,

não apresentarei senão palavras,

a que ninguém dirá

verdade.

— Não vais entrar — diz a pedra —

Te falta o sentido da participação.

Nenhum sentido te substitui o

Sentido de participação.

~~Não vais entrar~~

Mesmo a vista aguçada até a

envidência

de nada te adianta sem o sentido

da participação.

Não vais entrar, mal tens ideia

dessa sensação,

mal tens o seu germe, a sua

concepção.

Bato à porta da pedra.

— Sou eu, me deixa entrar.

Não posso esperar dois mil séculos

por estar sob o teu teto.

— Se não me acreditas — diz a

pedra —

fale com a folha, ela dirá o

mesmo que eu.

Com a gota d'água, ela dirá o

mesmo que a folha.

Por fim pergunta ao cabelo da tua

própria cabeça.

O riso se expande em mim, o riso,

um riso enorme,

eu que não sei rir.

Bato à porta da pedra.

— Sou eu, me deixa entrar.

— Não tenho porta — diz a pedra

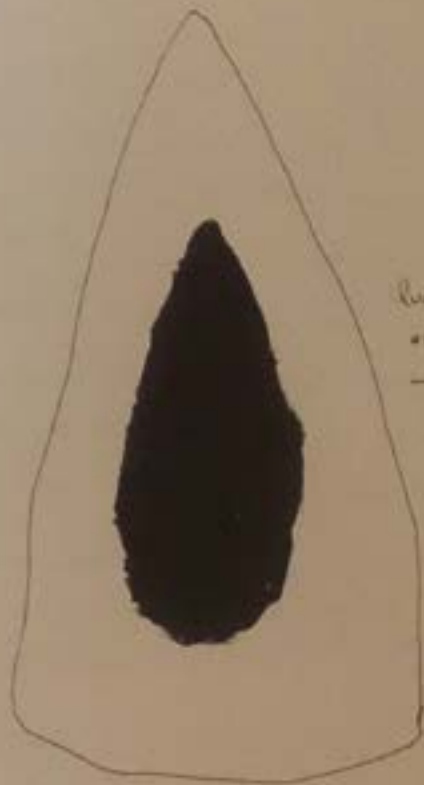
acho pr um fmpo.  
L DE QUERER.

super/montogal e visao  
(diagnose)

oposto  
tempo



(cada manifestação  
do ~~espírito~~  
é ~~uma~~ <sup>uma</sup> ~~vez~~ <sup>vez</sup> ~~é~~ <sup>é</sup> ~~depois~~)



Quando eu era criança um  
ovo passou no meu ombro.  
— O meu péb ovo também  
não se sente. O meu  
péb ovo é supersensível.  
A gente não sabe que  
dona o ovo. — Quando  
eu era criança fui  
depositária do ovo e  
caminhei de leve para  
não interromper o silêncio  
do ovo. Quando morri,  
tirei de mim o ovo  
com cuidado. Ainda  
estava vivo. — Se quem  
vive o mundo veja o ovo  
como o mundo, o ovo  
é óbvio.

é estado de compreensão que fare.  
— o ovo apenas me vê  
ele é um dom.  
— o ovo é invisível a olho nu.  
De ao a ovo chegar-se a Deus, que  
é invisível a olho nu.





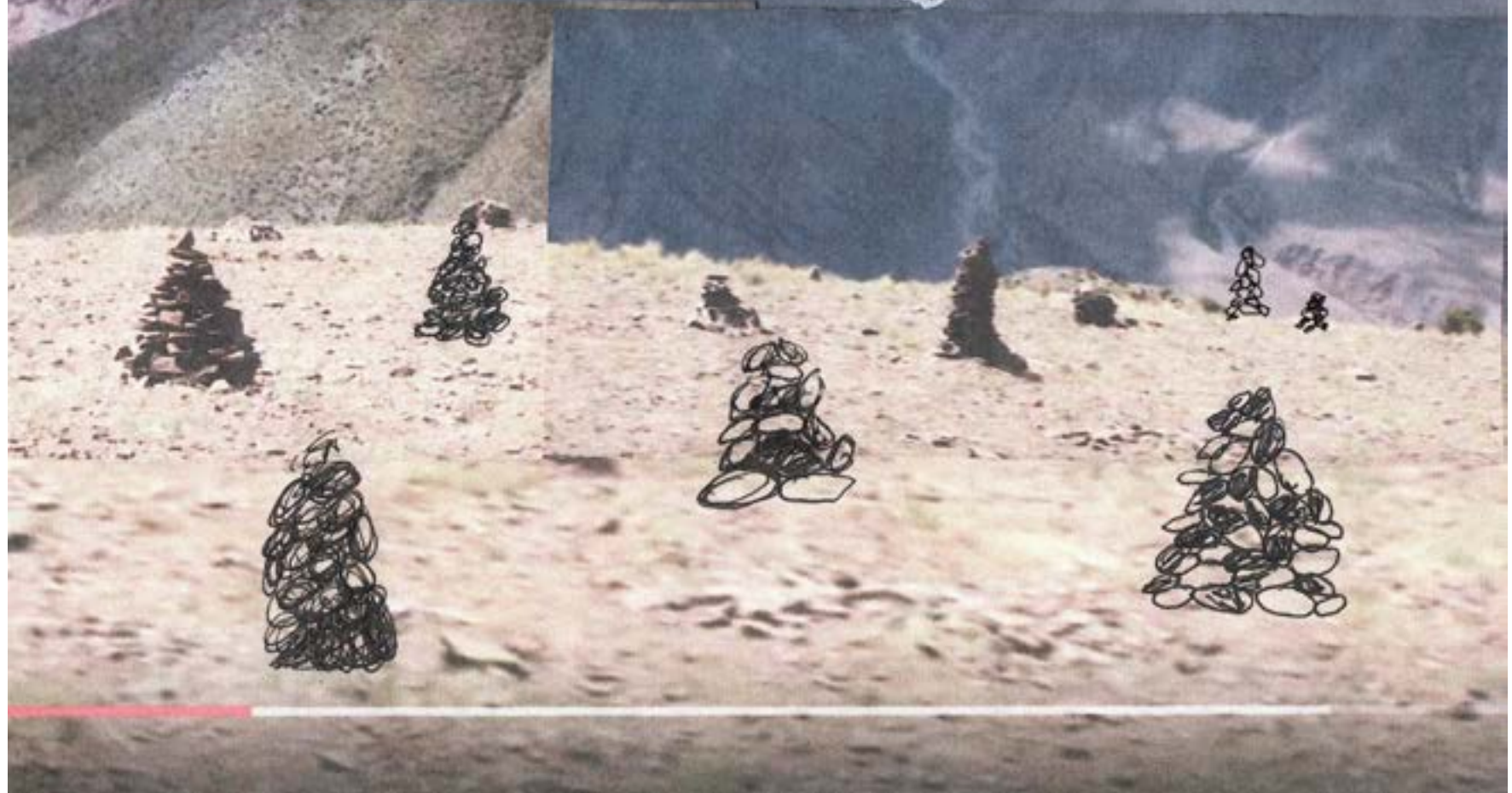


Poder de Alar  
posição de força vital.

tempo de confusão de espírito



Montículo de piedra se llama Apacheta y significa un altar para la Madre Tierra, La Pachamama. Pero para el pueblo ancestral en esta cultura, el año nuevo comienza el primero de agosto y allí es cuando se hace la ofrenda a la tierra, se hace la entrega de dichos a Pachamama y se pide por un nuevo año. El primer día de agosto se ~~hace~~ hace allí porque es ese día que se acerca el mes de la primavera, de la agricultura y comienza a prepararse la tierra para el cultivo. Allí se hace la ofrenda a la tierra y la entrega de los dichos a la madre tierra, y se pide por un nuevo año. En todo el valle hay una apacheta central por cada comunidad donde se hacen las ofrendas cada año. Si elige un lugar donde se hace la apacheta y no cambia más, y si ella cae por algún motivo se construye en el mismo lugar de nuevo de la misma manera. El pozo donde vamos a hacer la ofrenda tampoco cambia más. Se deja una bebida siempre de un año para el otro para brindar con la tierra al año siguiente, se excava, se abre por el canto y entregan los vicios de la tierra. ¿Cuáles son los vicios de la tierra? ¿Cuáles son los vicios de Pachamama? Hojas de Coca, Tabaco y alcohol, y allí ~~tenemos~~ tenemos los tres vicios de la tierra, y si hacemos en la botella y se larga la bebida en el pozo diciendo: "pachamama santa pacilla" (pacilla quiere decir: ayudame, ayúdame a ayudar, y después nos rodamos todos así como estamos acá nosotros esperando que se haga la ceremonia. para hacer la ofrenda hay que traer una <sup>seda, frutas</sup>









*a imobilidade da montanha nos evoca um processo arquetípico muito conhecido em todas as culturas segundo o qual, "a montanha representa o símbolo da elevação espiritual do homem". Assim como uma rota ou caminho através do qual o ser pode culminar sua esperança e seu anseio de divindade.*

*Sua posição de altura em relação à planície, ao vale, faz com que o sujeito possa contemplar a realidade com uma perspectiva totalizadora. [...] visualizar os processo de uma maneira integrada e não de uma maneira individual.*

*A montanha recorda ao homem, como diz Lao Tse, que sem sair de casa, o sábio capta a totalidade do universo.*

*Se nos ajustamos ao Desígnio Celeste, a quietude é elemento fundamental.*

*Se não há quietude não há Imobilidade da Montanha, se não há montanha, não há possibilidade de captar a essência das coisas.*

*Esse é o simbolismo da montanha: essa força que está próxima ao Céu e que emana da realidade da Terra.*

Essa a pedra, de humilde aparência.  
No que concerne ao valor, pouco vale —  
Desprezam-na os tolos,  
E por isso mais a amam os que sabem.



(algumista Anaxel Villeneuve)



O tempo é uma criança — brincando como  
uma criança — sobre um tabuleiro de  
xadrez — o reino da criança. Essa  
telefôro, que vagueia pelas regiões sombrias  
deste cosmo o que ~~se~~ brilha qual  
estrela se erguendo das profundidades.  
Indica o caminho das portas do sol  
e do país dos sonhos.

*Ainda sobre a pedra, por ela mesma:*

"Sou uma orfa, sozinha; entretanto, posso  
encontrar-me por toda a parte. Sou uma, mas  
o posto a mim mesma. Sou no mesmo tempo  
"adolescente" e "velha". Não conheço nem pai nem  
mãe, pois devem ~~se~~ ter retirado das  
profundezas como um peixe o porque criou do  
céu como uma pedra ~~de~~ braven. Vagueio  
pelas florestas e montanhas, mas estou  
escondida no mais íntimo do homem. Sou  
mortal para cada um e no entanto a  
sucessão dos tempos não me atinge."







Na desenha de um círculo os nos  
aspectos de coisas floridas, deve-se in-  
tentar mostrar o pequeno no grande e  
o grande no pequeno, e tratar o real no  
irreal e o irreal no real. Deve-se in-  
velar e ocultar alternadamente, ven-  
nando estes elementos ora aparentes,  
ora "ocultos".



## Kosmos

Pensamento do universo  
mundo ordenado- belo

*Quando na praia apanhamos uma concha  
aquilo que tão profundamente nos toca é  
isto: a forma que temos na mão é uma forma  
que não podia ser doutra maneira. É como se  
na concha estivesse inscrito o pensamento  
do universo. Ela é verdadeiramente o fruto  
do kosmos, o fruto do mundo ordenado, a  
palavra que confirma nossa confiança.*

*Não se trata de criar, mas de descobrir a  
beleza que o corpo manifesta, que é o que o  
insere na ordem do universo.*

## Chaos

Anterior a tudo.  
está na origem e permanece latente  
é abismo hiante.

*Antes de tudo há Deus e o nada. A partir  
desse nada Deus cria as coisas.*

*O chaos, o abismo, é a origem das coisas.  
Insondável e anterior a tudo, o chaos é a  
realidade primeira.  
os poderes da escuridão são o fermento da  
luz*

O Chaos é o abismo do qual se emerge.

é preciso ter coragem de pular no abismo  
para criar coisas e a si mesmo. O abismo  
causa medo. Porém somente entrando no  
abismo a transformação será verdadeira.

A profundidade das linhas da Mão  
Criadora. Abismo. Mão que contém o  
universo.



反者道之動。弱者道之用。天下萬物生於有。有生於無。

四十章

o artista tem a sensibilidade  
de descobrir o valor do  
espaço vazio, sem o espaço  
vazio não há movimento,  
sem movimento a arte  
morre. Zu aichen —

41

O retorno é a ação do Tao  
A suavidade é a função do Tao  
Todas as coisas do universo provêm do ser  
E o ser tem origem no não-ser

somente quando existe o vazio  
o infinito pode existir.

É preciso Ter coragem de pular  
no abismo.

O abismo causa medo.

ela entrou

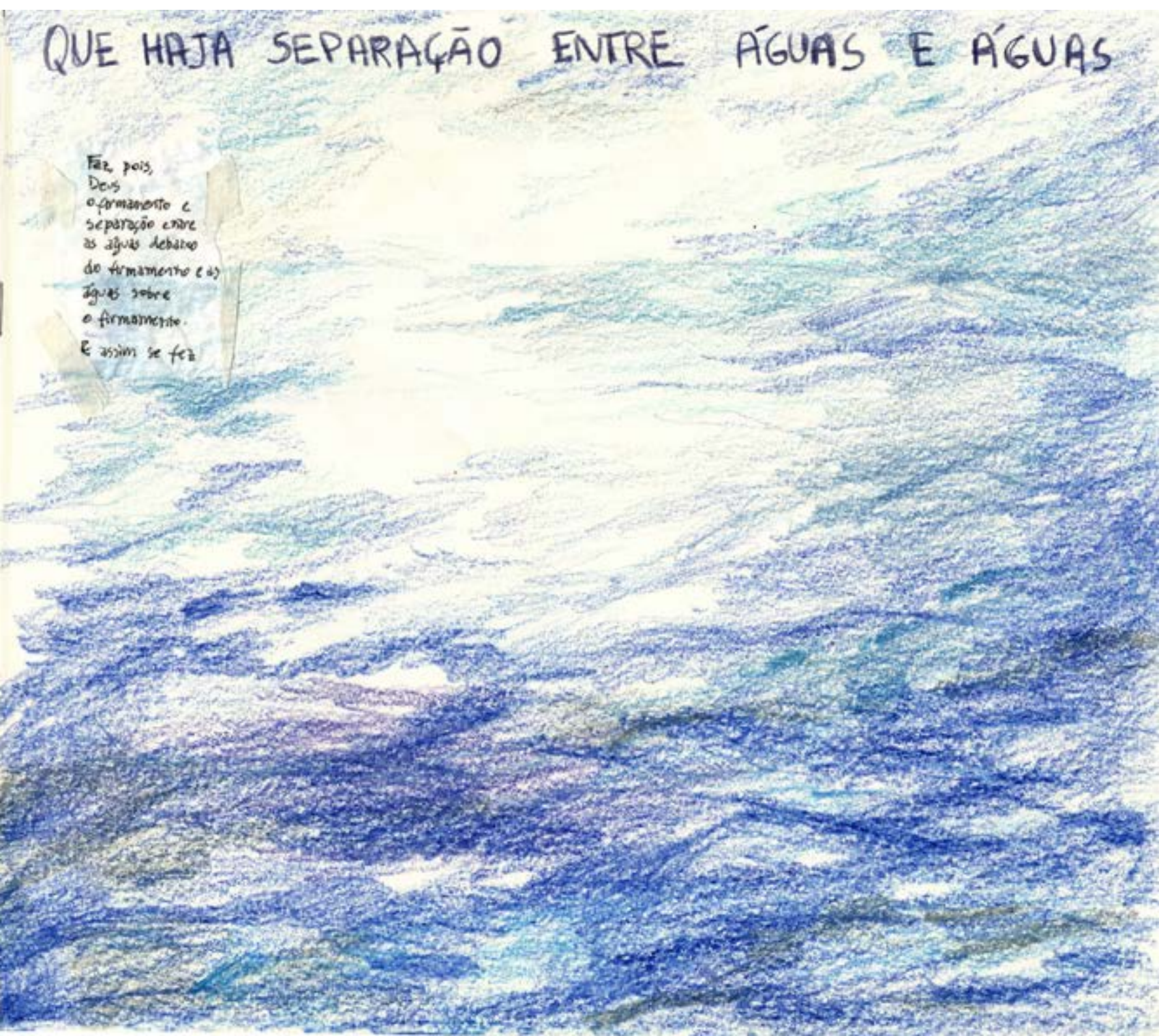
e pelo medo que causa, foi tão perseguida.





# QUE HAJA SEPARAÇÃO ENTRE ÁGUAS E ÁGUAS

Faz, pois,  
Deus  
o firmamento e  
separação entre  
as águas debaixo  
do firmamento e as  
águas sobre  
o firmamento.  
E assim se fez







vasos  
circulares



No princípio, Olocum remava só no mundo. Olofim fez o mundo de água e Olocum o governava.

No princípio tudo era o mar, tudo era Olocum. E olofim andava entediado com a vastidão sem fim das águas.

Foi então que Oraniã, com a força que lhe dera Olofim, fez surgir do fundo do



Oceano o primeiro monte de terra, a primeira colina sobre as águas, a montanha Oquê. Oquê quer dizer montanha na língua dos antigos, surgiu das profundezas dos mares para o prazer de Olofim e desde então, além das águas passou a existir a terra de Oquê. Assim nasceu Oquê, o orixá do monte e sobre o monte a vida do homem foi possível, porque antes estava tudo submerso e todo poder era do mar, de Olocum.







## O abismo da água

Se situa no tempo da origem. o componente maior do ser humano/mundo é água, essencial para sua existência.

*Essência de onde surge a vida, como provam todas as tradições. Mas vemos por seu comportamento: se adapta a qualquer recipiente sem perder sua identidade.*

Um recipiente cheio de água serve uma fileira de copos. Vai preenchendo um a um até que se torne vazio e é colocado em espera. Então cada copo vai servindo os seguintes até que se esvazie e os próximos cheguem ao máximo de pré transbordamento. Às vezes transborda, é difícil contê-la. A água é distribuída pelos copos, passada de um para outro e levada assim, aos poucos, de volta ao recipiente inicial. Ela volta a ser uma. Ou volta a se mostrar no que é, estando separada, contida, transbordando, escorrendo de um lugar a outro, guarda a tendência de se tornar uma só.

*Todas as águas confluem para o mar, sem enchê-lo;  
todas as águas saem do mar, sem esvaziá-lo.*

*Eis porque vou ao mar.*



Sensação de perigo, vertigem,  
frente ao abismo.

Penetrar na escuridão do nada,  
do caos,  
para reconstruir-se  
no que verdadeiramente é.



È mundo  
È Angola  
È Mundo  
esse mundo  
è de  
Nossa Senhora.



As águas profundas que ela soube  
mergulhar





*Purificação, batismo, reafirmar e reconciliar as Águas Anteriores com as Posteriores, para que se restabeleça a unicidade. Quando finalmente o Abismal transborda, nossa própria credibilidade, nossa própria fé, entramos no que podemos chamar de novo nascimento. – que não necessariamente tem a ver com o vínculo do batismo. É o despertar do sujeito a um novo nascimento, ao nascimento da fé. Uma fé que se manifesta com a sensação de estar sustentado, que a existência está sustentada, não está sujeita ao lugar concreto onde vive ou onde nasceu. E assim nosso ser não se esgota, e sim continua pelo fio que o está sustentando.*

*O tempo do Abismo da Água é quando o homem desperta para a suprema ignorância, e, como nos diz Lao Tse. " O que se sabe ignorante, desperta para a verdadeira sabedoria"*

*Quando o ser alcança realmente esse nível de ignorância, é quando vive no mistério, mas sendo o mistério.*

*Está vivência no abismo da água, é o que converte o sujeito em um ser de mistério que coabita na permanente consciência da sua ignorância. Não necessita se propor saber, por que sempre, nessa existência sustentada, vai descobrir o que precisa para as necessidades do seu espírito.*

– Veio rezar para ter um bebê? Ou pela graça de não tê-lo?

– Estou aqui só para olhar.

– Quando chega alguém que é estranho à invocação, não acontece nada.

– O que deve acontecer?

– Tudo o que quiser, tudo aquilo que precisa. Mas no mínimo, precisa que se coloque de joelhos.

– Não, não consigo.

– Olha como fazem elas.

– Elas estão acostumadas.

– Elas têm fé.

– Sim, devem ter.

– Posso te fazer um pergunta?

– Sim.

– Por que só as mulheres rezam tanto?

– Pergunta isso a mim?

– Você vê tantas mulheres aqui dentro.

– Sou somente um sacristão, não sei essas coisas.

– Mas por que as mulheres são mais devotas que os homens?

– Você deveria saber melhor do que eu.

– Porque sou mulher?

Mas isso eu nunca entendi.

– Eu sou um homem simples, mas penso que uma mulher serve para fazer filhos, criá-los com paciência e sacrifício.

– E não servem para mais nada?

– Eu não sei

– Entendo, obrigada, me foi de grande ajuda.

– Perguntou aquilo que eu pensava. Você quer ser feliz, mas existem coisas mais importantes.



Madre Preciosa, Madre Misericordiosa, Madre Dolorosa, Madre  
tormentata, Madre Clemente, Madre Angustiator, Madre Beata,  
Madre Amorosa, Madre Luminosa, Madre Mortificator, Madre  
santificator. Madre Dolorosa, Madre Orgogliosa, Madre Inspirator  
Madre Illuminator. Madre. Mãe Preciosa, Mãe Misericordiosa,  
Mãe tormentata, Mãe Clemente, Mãe Bendita  
Mãe Mortificator, Mãe Angustiator, Mãe Illuminator  
Madre de tutte le madre che nasce el dolore de  
sua madre. Mãe de todas as mães que  
cabece a alegria de se ter um filho. Mãe de todos  
os filhos que cabece a dor de não se ter um  
filho. Mãe que todo compenete ajuda a  
sua filha a ser mãe.



As ruas da cidade ainda são de pedras, construídas por quem ainda hoje caminha sobre elas em cortejo. Cinco mastros com bandeiras em madeira anunciam que aqueles cujas imagens figuram adornadas estão vigiantes, presentes, fluindo a cada cabeça que se encosta e beija. Tudo flui para eles e tudo flui deles, ao entrar e sair, iniciar e finalizar a caminhada, pede-se benção.

Bandeira. Imagem pintada ou impressa sobre tecido e sobre madeira. A imagem leva atrás de si e sob si uma corrente de forças, uma corrente de atuação e intenção.

Ela recebe e confirma essa corrente a cada vez que é imbuída nela. O festejo começa quando as bandeiras se levantam e termina quando elas descem e são guardadas nas casas de pessoas de reza forte em pontos espalhados na cidade, criando um campo de proteção. Durante os dez dias de reinado, todos passam sob elas e as guardas caminham com sua imagem abrindo o caminho e erguida em mastro como a vela de um navio navegando na corrente das ruas. A bandeira roda sobre as cabeças de corpos que se ajoelham, beijam, encostam as testas em instante lento e delicado. Afeto de filho.

A cabeça recebe e alimenta a força.

Intenção.

Quando a casa da guarda pegou fogo, a bandeira não queimou. A Senhora das Mercês pintada por mãos negras e antigas é a mesma.





A cor é substância. A cada ano o azul recobre as paredes, cobrindo o espaço e reafirmando-se em presença. Ali, ele existe como ser atuante e é levado com os corpos nas roupas, faixas e tambores.

O mar. Dizem que ele é azul por refletir o céu.  
A água é a grande mãe do mundo, tudo dela veio e tudo para ela volta.  
Senhora da vida, da morte e do renascimento. Em quimbundo, Kalunga é o mar e é o reino dos mortos, dos ancestrais. Os escravos vieram pelo mar, os pretos velhos vem do mar trabalhar na terra.

*Eu venho de lá  
eu venho de lá  
olelê ê iá  
Vou festejar Nossa Senhora  
ô que beleza.*

A água reflete o céu, espelha a luz. Guarda em si a escuridão da profundidade e se ilumina do céu.  
É preciso iluminar as águas que correm dentro. Decifrar mistérios das vagas que se movimentam do infinito à praia.

Há sempre um copo de água ao lado  
da vela.  
Filtrar  
Purificar



O lugar é envolvido no azul, dentro de si ele vive tudo o que ali acontece.



A materialidade das coisas evoca e gera um espaço-tempo onde passado e presente atuam juntos. A ancestralidade está presente. A matéria atua. Fazemos como eles faziam, como eles fazem.

As gamelas de madeira grossa

como a dos escravos

servem o alimento

como o dos escravos

as roupas se repetem

a forma de fazer

os sons

toques

cantos

as cores

O teto é preenchido de fitas azuis e brancas.

Um fio contorna o espaço

com as gungas antigas alternadas com roscas de polvilho.

Fios de pipoca se cruzam no alto. As crianças estão presentes.



A imagem criada no espaço  
no corpo  
na palavra  
na superfície  
na materialidade do mundo  
com a matéria.



Os tambores do candombe foram feitos pelas mãos dos escravos há 300 anos, sua madeira e couro tocados abrem a passagem entre matéria e espírito. Repetem os tambores que tocados pelos escravos trouxeram N. Senhora do mar.

Ela, ao ver a dor que eles sentiam, chorou e de suas lágrimas brotaram as sementes do rosário.

Contas de lágrimas de Nossa Senhora.

A semente, colhida da terra, é poderosa ligação com o céu. Imbuída de intenção e ativada pela reza, ela é matéria de conexão entre mundos. Abre a passagem, comunica, protege. Ela atua com as palavras colocadas nela. Feita rosário cruzado no peito de quem caminha, marca que aquele corpo está envolto por um conjunto de forças, palavras, intenções. Seu círculo guarda em si um lugar.

Paisagem de palavras.

Cada conta uma palavra, uma  
reza, um indivíduo no todo,  
um mistério.

Os mistérios não são  
decifráveis.

Silêncio supremo.

Silêncio que tudo diz.

O quê a imagem comunica  
o que ela diz  
traz em presença  
leva de palavras  
a quem  
que parte de nós?



*Campos abanados pelo silêncio. Alguém como eu  
mergulhando no que é o obscuro  
das vacas dormindo.*

*Estrelas giradas, de repente mortas  
sobre mim. Penso alterar tudo,  
recuperar agora as colinas do mundo.*

*Falando de amor, eu falo  
do génio destruidor. Falo que é preciso  
criar a velocidade das coisas.*

*Que é preciso caçar flores, golpear estrelas,  
meter o sono nas vacas, desentranhar-lhes  
o sono,  
dar o sono às estrelas.*

*Enlouquecer.*

*Que é preciso recriar o criar, meu Deus, ser truculento.  
Ser simples e não o ser.*

*Abandonar os campos, rodopiar  
a inteligência, a crueldade.*

*Abro a porta para não esquecer esta  
absurda tarefa.*

*Esta tão particular necessidade.*

*Porque agora deixei totalmente de ser puro.*

*Levanto-me para dar de comer quentes  
estrelas às vacas. Sou tão puro, meu Deus, tão truculento.*

*É preciso principiar.*

*[...]*

*Porque eu bato na porta com meu júbilo furioso.*

*O amor acumula-se.*

*É para dar o ardor em doce dissipação.*

*Deus não sabe e sorri, esmigalhado  
contra o muro humano.*

*Respiro, respiro. As coisas respiram.*

*Esta oferta masculina vocifera na treva.*

*Criar é delicado.*

*Criar é uma grande brutalidade.*

*Porque eu sou feliz. Durmo  
na obra.*

O AXÉ POSSUI SABEDORIA SUPREMA,  
VAI PARA ONDE É NECESSÁRIO,  
NÓS SÓ PRECISAMOS CRIA-LO.  
(Mestre João)

a

Beuys: Sim, definitivamente. Essa necessidade de mudança sempre tem sido uma preocupação central para mim, fazer algo que transforme o mundo de um modo tangível. Mas não creio que a maioria das pessoas perceba que os objetivos de Joyce eram de natureza especial, porque eles não eram realmente tão globais, eram na verdade muito simples. No meu ponto de vista, é um fato concreto que Joyce, com efeito, mudou a atmosfera sobre a Irlanda. Quero dizer, foi Joyce quem criou a verdadeira atmosfera, quem criou uma nova aura sobre a Irlanda. Era este, na verdade, seu único objetivo. Era uma meta inacreditavelmente titânica e de fato importava a ele transformar a aura sobre a Irlanda. E ele o conseguiu, absolutamente. Ocorreram mudanças lá, mudanças concretamente perceptíveis a qualquer um com uma mente sensível, a qualquer observador sensível, e há alguns desenhos meus que se referem

'Deus é o lugar da criação'

*Através da imagem mantém-se uma consciência do infinito:  
o eterno dentro do finito, o espiritual no interior da matéria, a  
inexaurível forma dada.*

*Para referir-se ao que está vivo, o artista lança mão de algo morto; para falar do infinito, mostra o finito.  
Substituição... não se pode materializar o infinito, mas é possível criar dele uma ilusão: a imagem.*

*[...]*

*só se pode alcançar o absoluto através da fé e do ato criador.*

*A arte atua sobretudo na alma, moldando sua estrutura espiritual. .*

*O objetivo da arte é preparar uma pessoa para a morte, arar e cultivar sua alma, tornando-a capaz de  
voltar-se para o bem.*

Impulso de entrega àquilo que vivenciamos.

Aos seres, coisas, o que nos rodeia.

Sentir o outro dentro de si como se fosse a mim mesmo, como ele me transforma.

Autotransformação.

Autoidentificação com outros seres.

A forma da arte de apreender o mundo:

identificá-lo consigo mesmo e se permitir transformar. Imergir na vivência tornando-se uno com ela.

*a entrega (no âmbito) elemental consiste em a pessoa vivenciar a si próprio no outro ser ou acontecimento; o amor consiste em vivenciar o outro ser na própria alma*

*forte sentimento do eu em alternância à entrega aos outros seres.*

conhecer a si mesmo e ao entorno. a si mesmo através do entorno  
o eu esculpido nas relações.

A água esculpe as pedras do rio.

conhecer o mundo através do amor. Trazer os seres e paisagens para dentro de si.

Quando uma pessoa compreende a essência do amor, da compaixão, encontra nele a maneira como o espiritual se realiza, em toda a sua vontade, no mundo dos sentidos.

## AMOR

Que pode uma criatura sensível,  
entre criaturas, amar?

amar a espreitar,

amar a melancolar,

amar, desamar, amar?

sempre, e até de olhos vidrados, amar?

Que pode, pergunto, o ser amoroso,  
rotatório, em rotação universal, deixar  
rodear também, e amar?

amar o que o amor tem à praia  
o que ela sequestra, e o que, na brisa  
é sal, ou precisão de amor, ou simples

Amar solenemente as palmas do deserto,  
o que é entrega ou adoração expectantes,  
e amar o inóspito, o áspero,

um vaso sem flor, um etéreo de ferro,  
e o peito labete, e a via vista ou sentido,  
e uma nuvem de rapina.

Este o nosso destino: amar sem contar,  
distribuído pelas coisas perfidas ou nulas,  
longe ilimitada a uma completa ingratidão,  
e na concha vazia do amor a procura redessa,  
paciente, de mais e mais amor.

Amar a nossa falta mesmo de amar, e no  
seu ser mesmo

amar a água implícita, e o beijo tático,  
e a sede infinita.

marulho,  
ansia?

c. D. A. Mendes

o tempo

*O que busco ou tento transmitir:  
a verdade das coisas que são essenciais  
e tantas vezes não percebidas  
pela pressa dos que passam ou pela inércia do hábito.  
São essas coisas simples que me parecem as  
que sobrevivem a tôdas as circunstâncias.  
Eu, que amo a vida, tento perceber  
nas coisas que me rodeiam, as leis fundamentais  
que nos governam até que o nosso conhecimento  
passe ao comando;  
como vem acontecendo desde o começo dos tempos.  
Não me julguem mais pretensioso do que sou:  
O que me proponho é mostrar que a vida  
merece ser conhecida e vivida integralmente –  
e que nessa permanente redescoberta das coisas que aí estão  
ao alcance de todos – basta um pequeno esforço  
para compreendê-las e atingi-las.*

*Se êstes desenhos estimulares algum amor  
às coisas vivas de nossa terra, terá valido e empreitada.*





Cota morto que não se permite crescer  
pelo deep within do bone.  
In-finito



*Quando surgem as recordações de vivências anímicas que não são meramente reproduções de acontecimentos sensoriais ou elementais, e sim representam vivências pensamentais livres estimuladas por eles, inicia-se na alma um colóquio pensamental entre as recordações e o suposto 'nada' do mundo espiritual circundante.*

colóquio de pensamentos  
colóquio de imagens

Pensamento livre: criado por nós a partir da relação de nós mesmos com os seres e coisas do mundo.

na observação com entrega  
nas relações com amor  
na criação que relaciona o mundo consigo mesmo.  
Linha que escreve e desenha.  
Ao criar uma imagem interna ou externa.

Imagem: pensamento criado.

*Relação entre imagens, coisas, paisagens, seres, eu.*

*A imaginação não deve se restringir a tecer pós-imagens de contemplação. ela mesma deve condensar-se em 'evidência contemplativa', em plasticidade propriamente dita. Passa-se a criar imagens vivas. Contudo, não se trata de simplesmente demorar nessas imagens. Deve-se desviar a atenção das imagens para focalizar a própria atividade que as cria.*

Impulso de liberdade.

to, nada separava o homem de Deus.  
Esta como se o espirito humano, ao  
mesmo tempo que Deus, lançasse um  
olhar sobre a Criação.



Há algo natural e perfeito  
 Existente antes de Céu e Terra  
 Imóvel e insondável  
 Permanece só e sem modificação  
 Está em toda parte e nunca se esgota  
 Pode-se considerá-lo a Mãe de tudo  
 Não conhecendo seu nome, chamo-o Tao  
 Obrigado a dar-lhe um nome, o chamaria  
 Transcendente  
 Transcendente significa avançar  
 Avançar é chegar acolá  
 Chegar acolá quer dizer retornar

Por isto, o Tao é supremo  
 O Céu acata as leis do Tao  
 O Céu é supremo  
 A Terra é suprema  
 O Homem é supremo  
 No universo, há quatro coisas supremas  
 E o que reina é uma delas  
 O homem acata as leis da Terra  
 A Terra acata as leis do Céu  
 O Tao, as de sua própria natureza

## 二十五章

有物混成。先天地生。寂兮寥兮。獨立不改。周行而不殆。可以爲天下母。吾不知其名字。之曰道。強爲之。大曰逝。逝曰遠。遠曰反。故道大。天大。地大。人亦大。域中有四大。而王居其一焉。人法地。地法天。天法道。道法自然。

Conhecer Mundo  
 para conhecer a si mesmo e assim  
 Deus, que cria e tudo ama.  
 O que cria e tudo ama.  
 Consciência de si e do Todo  
 e de si no Todo.



*como almas humanas, precisamos levar para o mundo espiritual tudo o que não existe no mundo sensorial, mas cuja existência é testemunhada nele. [...]Tudo o que represente este ou aquele objeto ou evento nele, tudo o que represente este ou aquele objeto no mundo sensorial, é insignificante no mundo espiritual. [...]*

*Representações mentais que, no mundo físico, tenham sido elaboradas de maneira a não corresponderem a nenhum objeto ou acontecimento sensível, ainda estão presentes na alma quando esta ingressa no mundo espiritual.*

É necessário um corpo sólido em um mundo sólido para se perceber enquanto indivíduo no todo, mas precisamos aprender a penetrar nas coisas e tê-las dentro de nós, percebendo como nos afetam enquanto indivíduos.

O que se perpetua em nós, não é o aprendido do mundo sensorial e sim o que através dele representamos em nós de relações, conceitos, imagens, não correspondentes a nada físico. Imagens que representam a si mesmas e nossa relação com elas.

O ser não é o não ser, distinção incisiva entre o que é e o que não é, pensamento que fundamenta nosso pensar, constitui um desenraizamento que arrancou o ser do caos primordial. As consequências desse exílio da poesia são cada dia mais evidentes e aterradoras: o homem é um desterrado do fluir cósmico e de si mesmo.

O pensamento oriental não sofreu desse horror ao "outro" ao que é e não é ao mesmo tempo. O mundo ocidental é do "isto ou aquilo". Já no mais antigo upanixade se afirma sem reticências o princípio da identidade dos contrários:

"Tu és mulher. Tu és homem. És o rapaz e também a donzela. Tu, como um velho, te apóias num cajado... Tu és o pássaro azul-.escuro e o verde de olhos vermelhos... Tu és as estações e os mares." E essas afirmações o upanixade Chandogya condensa-as na célebre forma: "Tu és aquilo".

Não há nada que não seja isto; não há nada que não seja aquilo. Isto vive em função daquilo. Tal é a doutrina da interdependência disto e daquilo. A vida é vida diante da morte. E vice-versa. Portanto, se alguém se apóia nisto, teria de negar aquilo. Portanto, o verdadeiro sábio despreza o isto e o aquilo e se refugia no Tao..." Há um ponto em que isto e aquilo, pedras e plumas, se fundem. E nesse momento não há antes nem depois, no princípio ou no fim dos tempos.

Há imagens que realizam o casamento dos contrários. Em todas elas – apenas perceptível ou inteiramente realizado – observa-se o mesmo processo: a pluralidade do real manifesta-se ou expressa-se como unidade última, sem que cada elemento perca sua singularidade essencial. As pedras são plumas, sem deixarem de ser pedras. A linguagem, voltada sobre si mesma, diz o que por natureza parecia lhe escapar. O dizer poético diz o indizível.

O sentido – na medida em que é nexos ou ponte – também desaparece: já não há nada que apreender, nada que assinalar. Mas não se produz o sentido ou o contra-sentido, e sim algo que é indizível e inexplicável exceto por si mesmo. Outra vez: o sentido da imagem é a própria imagem. A linguagem ultrapassa o círculo dos significados relativos, o isto e o aquilo, e diz o indizível: as pedras são plumas, isto é aquilo. A linguagem indica, representa; o poema não explica nem representa: apresenta. Não alude à realidade; pretende – e às vezes consegue – recriá-la. Portanto, a poesia é um penetrar, um estar ou ser na realidade.

A imagem não explica: convida-nos a recriá-la e literariamente a revivê-la. O dizer do poeta se encarna na comunhão poética. A imagem transmuta o homem e converte-o em imagem “deste” ou “daquele” esse “outro” que é ele mesmo. O universo deixa de ser um vasto armazém de coisas heterogêneas. Astros, sapatos, lágrimas, locomotivas, salgueiros, mulheres, dicionários, tudo é uma imensa família, tudo se comunica e se transforma sem cessar, um mesmo sangue corre por todas as formas e o homem pode ser, por fim, o seu desejo: ele mesmo. A poesia coloca o homem fora de si e simultaneamente o faz regressar ao seu ser original: volta-o para si. O homem é sua imagem: ele mesmo e aquele outro. Através da frase que é ritmo, que é imagem, o homem — esse perpétuo chegar a seu — é. A poesia é entrar no ser.

\* espaço onde  
os contrários se fundem.

A linha

Ser pensamento que planeja o ser matéria.

Movimento que pensa as formas do mundo.

Existe no tempo, o percorre, seu rastro é desejo de existir no espaço.

Quando a linha se torna matéria, faz-se superfície, volume do mundo. Movimento

feito estático com o peso da terra,

o peso da existência física.

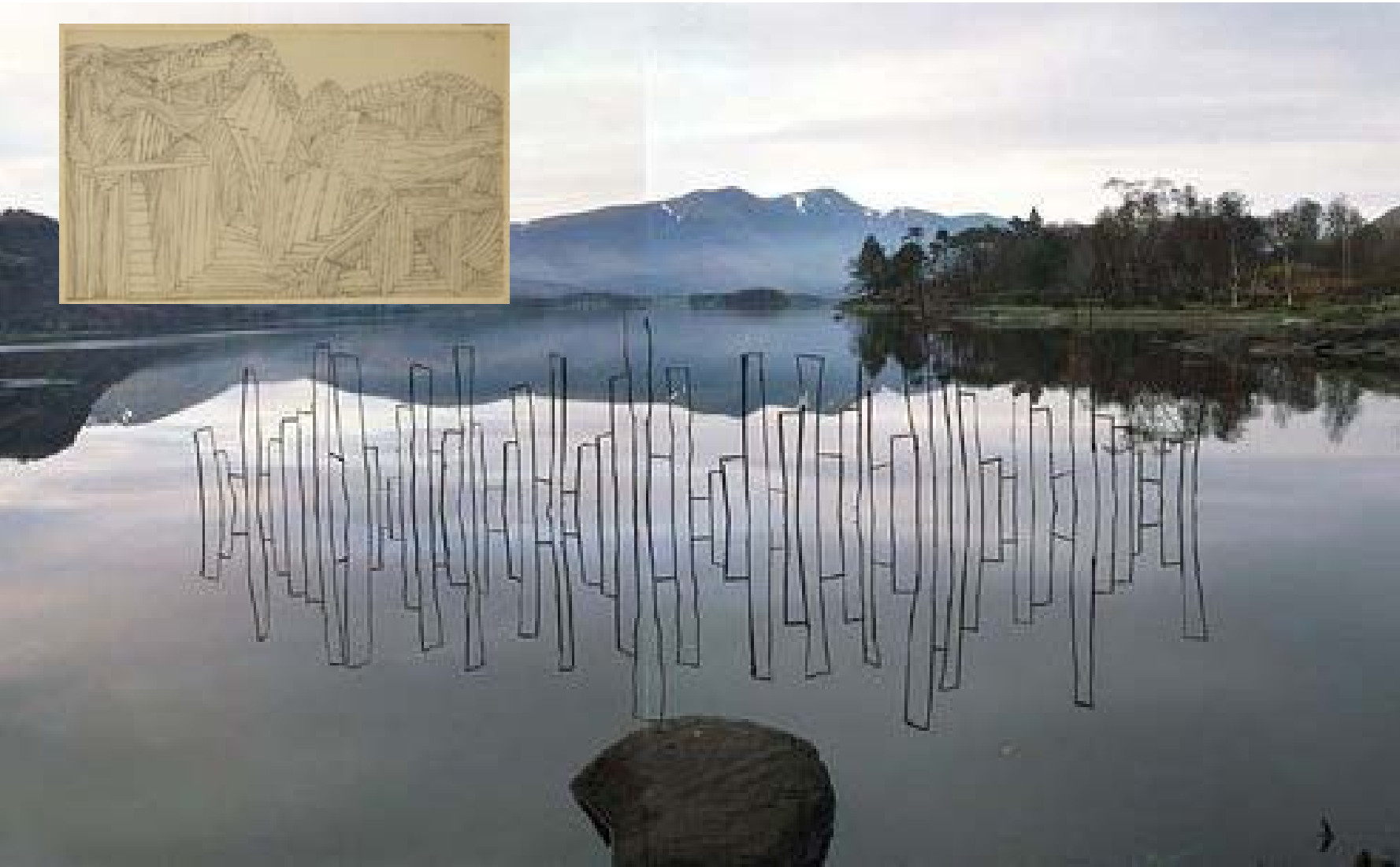
Linha encarnada. Gesto incorporado.

O invisível da linha se faz visto.

Ela já não é a mesma, mas nos ensina do mundo dos pensamentos, do mundo da criação,

formando-se palavra, desenho, gesto.

A linha da órbita dos planetas.







A linha é o corpo mais sutil e  
corpo, mas existe em torno de matéria

### linhas

linhas, energia, ~~linha~~ - físico, concreto  
canal

resistência  
a ~~matéria~~ matéria  
elementos

### matéria

matéria, peso, profundidade, resistência, presença  
de ~~matéria~~ matéria e ~~matéria~~ física, substância

### matéria

matéria, vida, física, matéria

### linhas

↳ Não é matéria e concreto dela.  
É o que é que se concretiza.

volume é corpo, existência encarnada.

A linha é a força da vida, o oculto que anima.

Linha que busca compreender o mundo  
Registrar na memória do corpo. Aprender o amado

Imprimir em si, impregnar o corpo do corpo que se vê.

Pela linha pensamos o mundo, ela é ser pensamento, sabe em si e ensina.

Ensina a existência de um ser, sua respiração, pelagem. Se nos dedicamos a escutá-la, ela sabe como se desenha um ser delicado, a amplidão e o amor. Quando quer trazer a matéria da coisa para o papel, viver o observado corpo a corpo, a linha se condensa em superfície, mancha, massa.







o mundo: essa visão devoradora, para além dos "dados visuais", dá acesso a uma textura do ser da qual as mensagens sensoriais discretas são apenas as pontuações ou as cesuras, textura que o velho habita como o homem sua casa.

Permaneçamos no visível no sentido estrito e prosaico: o pintor, qualquer que seja, enquanto pinta, pratica uma teoria mágica da visão. Ele precisa admitir que as coisas entram nele ou que, segundo o dilema sarcástico de Malebranche, o espírito sai pelos olhos para passear pelas coisas, uma vez que não cessa de ajustar sobre elas sua vidência. (Nada muda se ele não pinta a partir do motivo: ele pinta, em todo caso, porque viu, porque o mundo, ao menos uma vez, gravou dentro dele as cifras do visível.) Ele precisa reconhecer, como disse um filósofo, que a visão é espelho ou concentração do universo, ou que, como disse um outro, o *ídios kósmos* dá acesso por ela a um *koinòs kósmos*,<sup>2</sup> que a mesma coisa se encontra lá no cerne do mundo e aqui no cerne da visão, a mesma ou, se preferirem, uma coisa semelhante, mas segundo uma similitude eficaz, que é parente, gênese, metamorfose do ser em sua visão. É a própria montanha que, lá distante, se mostra ao pintor, é a ela que ele interroga com o olhar.

O que ele pode a ela exatamente? Pede-lhe revelar os meios, não somente visíveis, pelos quais ela se faz montanha aos nossos olhos: luz, iluminação, sombras, reflexos, cor, esses objetos da pesquisa não são inteiramente seres reais: como os fantasmas, têm existência apenas visual. Inclusive, não estão senão no limiar da visão profana, não são comumente vistos. O olhar do pintor lhes pergunta como se arranjam para que haja de repente alguma coisa, e essa coisa, para compor um talismã do mundo, para nos fazer ver

<sup>2</sup> Cosmo particular e cosmo geral, respectivamente. (N. T.)

o visível. A mão que aponta em nossa direção em *A ronda noturna* está realmente ali quando sua sombra sobre o corpo do capitão apresenta a nós simultaneamente de perfil. No cruzamento dos dois aspectos impossíveis, e que no entanto estão juntos, mantém-se a espacialidade do capitão. Desse jogo de sombras e outros semelhantes, todos os homens que têm olhos foram algum dia testemunhas. Ele é que lhes fazia ver coisas e um espaço. Mas operava dentro deles sem eles, dissimulava-se para mostrar a coisa. Para que esta fosse vista, não era preciso que ele o fosse. O visível no sentido profano esquece suas premissas, repousa sobre uma visibilidade inteira a ser recusada, e que libera os fantasmas nele cativos. Os modernos, como se sabe, liberaram muitos outros: acrescentaram muitas notas surdas à gama oficial de nossos meios de ver. Mas a interrogação da pintura visa, em todo caso, essa gênese secreta e febril das coisas em nosso corpo.

Esta não é portanto a pergunta daquele que sabe aquele que ignora, pergunta do mestre-escoteiro. É a pergunta daquele que não sabe a uma visão que tudo sabe, pergunta que não fazemos, que se faz em nós. Max Ernst (e o surrealismo) diz com razão: "Assim como o papel do poeta desde a célebre carta do vidente consiste em escrever sob o ditado do que se pensa, do que se articula dentro dele, o papel do pintor é cercar e projetar o que dentro dele se vê." O pintor vive na fascinação. Suas ações mais próprias — os gestos, os traços de que só ele é capaz, e que serão revelação para os outros, porque não têm as mesmas carências que ele — parecem-lhe emanar das coisas mesmas, como o desenho das constelações. Entre ele e o visível, os papéis inevitavelmente se invertem. Por isso tantos pintores disseram que as coisas os olham, e disse André Marchand

<sup>3</sup> G. Charbonnier, *op. cit.*, p. 34.



Quando não fazia muito eu via esse mundo, descobri o nascer do dia no mangue  
à beira mar.

Lá os urubus revoavam, grandes asas negras batendo e bicando o chão.


Luz na névoa. Cheiro fermentado. O negro rodando.

Acordava desejando ver.

*na praia e no bosque da nossa infância, no dia mais primordial de nós mesmos, quando nos iluminou um sorriso de espanto e de maravilhamento perante a forma da concha e da pinha e perante a forma do nosso ombro e da nossa mão. Olhamos essas formas como quem escuta a verdade. [...] Formas intensamente divinas, intensamente maternas e intensamente fraternas. Divinas porque são verdade, maternas porque nos ajudam a nascer, a emergir, a vir à luz, fraternas porque nascem da mesma necessidade da qual nós próprios nascemos.*

Estou sempre à espera de ver.  
Vou na frutaria de olhos muito abertos  
vez em quando meus ombros se fecham  
quando muito chama a ver. Temem o fogo  
que se alastra entre estalos nas estruturas.

Preciso dissolver um pouco dos vigilantes olhos  
para encontrar todos os olhares que tenho por onde.



Uma vez que olhar um objeto é  
capturá-lo por dentro através dos olhos,  
também é possível neste exercício transportar-  
mo-nos ao objeto e tornarmo-nos  
um com ele através da imagem.

1961

As imagens que vieram de outras mãos pensar nas minhas, na ordem em que aparecem, são:

paisagens-círculos do Richard Long;

emblema do Atalanta Fugiens com uma fotografia de Peggy Guggenheim em corpo na paisagem- móbile do Calder;

a mão é um arcano alquímico;

o corpo- mundo da performance "ritos de passagem" da Celeida Tostes está com o Atlas de Basil Valentine;

a mão que contém o mundo em si é do Dennis Oppenheim;

os braços-troncos, da Katrien de Blauwer;

um móbile do Calder com um cromeleque em Carnac;

o corpo-mundo é da Francesca Woodman;

o dentro e fora cavado na terra foi feito pela Teresa Murak como equilibrium of balance;

os vasos foram queimados à lenha pela Toshiko Ishii;

a Madalena saindo do mar é uma fotografia de Nell Dorr de Rosa alone with de sea;

as águas de cima e de baixo contém a fotografia de Hiroshi Sugimoto;

Oquê é construído pelas crianças das brincadeiras colecionadas por Francis Alÿs e é uma escultura de Andy Goldsworthy;

Oquê, montanha e água primordial, kên e k'an, são de Hiroshige;

a mão mergulhando em abismo é da Helena de Almeida e a mulher, do Espelho, de Tarkovsky. As três mulheres estão no nascimento da virgem de um mestre anônimo;

a Madalena de Andrei Rublev é com uma fotografia de Ewa Parton e outra da minha avó Margarida;

a mulher em reza é do Nostalghia, de Tarkovsky;

as linhas formadoras de paisagem são do Klee o do Andy Goldsworthy.

Referências, paisagens que envolvem

de imagens e do corpo do livro:

ALÿS, Francis. sandcastles. [s.l.: s.n., s.d.]. (Children Games). Disponível em: <<http://francisalys.com/childrens-game-6-sandcastles/>>.

ALÿS, Francis; WILSON, Rebecca. In a given situation =: Numa dada situação. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

CARRIÓN, Ulises. A nova arte de fazer livros. Belo Horizonte: C/ Arte, 2011.

CASTRO, Lourdes; ZIMBRO, Manuel. Un autre livre rouge. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian : Sistema Solar Crl (Documenta), 2015.

COPPER, J.C. Yin & Yang. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

DIAS PINO, Wladimir. Ante a comunicação visual da astrologia. Rio de Janeiro: Europa, [s.d.]. (Coleção Enciclopédia Visual).

LARAMA, Júlia. Atlas Móvil. TCC, Escola de belas Artes/ UFMG, Belo Horizonte, 2015.

RUEDA, María Isabel. Como es arriba es abajo. Bogotá: Jardín Publicaciones, 2015.

TARKOVSKY, Andrei. Nostalghia. [s.l.: s.n.], 1983.

Apacheta santuario de piedra ofrenda a la Pachamama. [s.l.: s.n.], 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MUHUnElpZGE>>.

que dão corpo em palavras ao trabalho. (poemas, citações, páginas copiadas):

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Dia do mar. 1. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 2014.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. O nu na antiguidade clássica. Lisboa: Caminho, 1992.

BEUYS, Joseph; SIMMEN, Jeannot. Se nada não disser alguma coisa eu no desenho. München: Prestel Verlag, [s.d.].

CÍCERO, Antonio. Guardar - Poemas escolhidos, Rio de Janeiro: Record, 1996,

FOCCILLON, Henri. Vida das formas. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

GALEANO, Eduardo. O livro dos Abraços. São Paulo: L&PM, 2008.

HANSEN, Júlia de Carvalho. Seiva veneno ou fruto. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2016.

HELDER, Herberto. Poesia toda. Lisboa: Assírio & Alvim, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O olho e o espírito. São Paulo: CosacNaify, 2013.

ONO, Yoko. Acorn. São Paulo: Bateia, 2014.

PADILLA CORRAL, J.L. Soplo espiritual sensible. Cuenca: Escuela Neijing, 2007.

PAZ, Octavio. O Arco e a Lira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PRANDI, J. Reginaldo. Mitologia dos orixás. 1a. ed., 1a. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

STEINER, Rudolf. O limiar do mundo espiritual: considerações aforísticas. São Paulo: Antroposófica, 2010.

SZYMBORSKA, Wisława; PRZYBYCIEN, Regina. Poemas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TARKOVSKY, Andrei. Esculpir o tempo. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

TSE, Lao. Tao Te King. São Paulo: Hemus, 1983.

Outras referências que me nutriram o pensamento:

JUNG, C. G. Memórias Sonhos Reflexões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

OLIVEIRA, Luciana de; ALTIVO, Bárbara Regina. Numa encruzilhada, dois campos: a lágrima e a luta nas experiências sagradas do Rosário e do Nhemboé. n. XXVI Encontro Anual da Compós, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2017.

SIMMEL, Georg. A Filosofia da Paisagem. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009.